

CONHECIMENTO E PERCEÇÃO ACERCA DA INTERPROFISSIONALIDADE ENTRE ACADÊMICOS DOS CURSOS DA SAÚDE DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO ARAGUAIA

Andressa Bueno Lopes ¹
Fabiana Morandi Jordão ²
Patrícia Fernandes Massmann ³

Resumo:

A educação interprofissional (EIP) é uma estratégia para transformar a formação profissional, sendo uma atividade que envolve dois ou mais profissionais aprendendo juntos em prol da colaboração e qualidade de atenção à saúde. O presente trabalho tem por objetivo verificar o conhecimento e percepções dos estudantes da área da saúde acerca da interprofissionalidade no âmbito da universidade. Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória de cunho quantitativo-qualitativo, onde participaram 85 estudantes do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde do Campus Universitário do Araguaia. O instrumento utilizado foi elaborado no Google Forms e os dados analisados por meio do EpiInfo versão 7. Observou-se que as interações ocorreram frequentemente e/ou sempre entre discentes de outros cursos 44,7%, com docentes de diferentes formações 43,7% e com profissionais de saúde 34,2%. Apenas 18,8% participaram do Programa PET-Saúde/Interprofissionalidade, há preferência de 46,6% em fazer trabalhos sozinhos, 71,8% sentem-se confortáveis em realizar atividades em duplas ou trios, quando realizadas atividades em grupo, 50,5% desenvolvem em colaboração, com participação de todos em todas as etapas. Disseram não estar satisfeitos com a frequência de discussões sobre a temática (45, 8%), no entanto, 92,9% reconhecem a importância da interprofissionalidade para sua formação, sendo que 90,6% caso houvesse uma disciplina com o tema, cursariam. O estudo apontou que grande parte dos discentes compreende razoavelmente o conceito de IP, demonstram-se dispostos à implementação da EIP, pois vivenciaram experiências que remetem ao trabalho colaborativo, entretanto, expressaram insatisfação com a baixa frequência de discussões sobre a temática.

Palavras chave:

Formação Profissional em Saúde. Aprendizagens Colaborativas. Educação interprofissional.

KNOWLEDGE AND PERCEPTION ABOUT INTERPROFESSIONALITY BETWEEN ACADEMICS OF HEALTH COURSES AT THE UNIVERSITY CAMPUS OF ARAGUAIA

Abstract:

Interprofessional education (IPE) is a strategy to transform professional training, being an activity that involves two or more professionals learning together for collaboration and quality of health care. The present work aims to verify the knowledge and perceptions of students in the health area about interprofessionality within the university. This is a descriptive, exploratory, quantitative-qualitative research, in which 85 students from the Institute of Biological and Health Sciences of the University Campus of Araguaia participated. The instrument used was prepared in Google Forms and the data analyzed using EpiInfo version 7. It was observed that interactions occurred frequently and/or always between students from other courses 44.7%, with professors from different backgrounds 43.7% and with health professionals 34.2%. Only 18.8% participated in the PET-Health/Interprofessionality Program, 46.6% prefer to do work alone, 71.8% feel comfortable performing activities in

pairs or trios, when performing group activities, 50, 5% develop in collaboration, with the participation of everyone at all stages. They said they were not satisfied with the frequency of discussions on the subject (45.8%), however, 92.9% recognize the importance of interprofessionality for their training, and 90.6%, if there was a discipline with the theme, would attend. The study showed that most students reasonably understand the concept of IP, they are willing to implement IPE, as they have had experiences that refer to collaborative work, however, they expressed dissatisfaction with the low frequency of discussions on the subject.

Keywords:

Professional Training in Health. Collaborative Learning. Interprofessional education.

CONOCIMIENTO Y PERCEPCIÓN SOBRE LA INTERPROFESIONALIDAD ENTRE LOS ACADÉMICOS DE LOS CURSOS DE LA SALUD DEL CAMPUS UNIVERSITARIO DE ARAGUAIA

Resumen:

La educación interprofesional (EIP) es una estrategia de transformación de la formación profesional, siendo una actividad que involucra a dos o más profesionales aprendiendo juntos en aras de la colaboración y la calidad de la atención en salud. El presente trabajo tiene como objetivo verificar los conocimientos y percepciones de los estudiantes del área de la salud acerca de la interprofesionalidad dentro de la universidad. Se trata de una investigación descriptiva, exploratoria, cuantitativa-cualitativa, en la que participaron 85 estudiantes del Instituto de Ciencias Biológicas y de la Salud del Campus Universitario de Araguaia. El instrumento utilizado fue elaborado en Google Forms y los datos analizados mediante EpiInfo versión 7. Se observó que las interacciones ocurrían con frecuencia y/o siempre entre estudiantes de otros cursos 44,7%, con profesores de diferentes formaciones 43,7% y con profesionales de la salud 34,2%. Solo el 18,8% participó en el Programa PET-Salud/Interprofesionalidad, el 46,6% prefiere trabajar solo, el 71,8% se siente cómodo realizando actividades en parejas o tríos, al realizar actividades grupales, el 50,5% se desarrolla en colaboración, con la participación de todos en todas las etapas. Dijeron no estar satisfechos con la frecuencia de las discusiones sobre el tema (45,8%), sin embargo, el 92,9% reconoce la importancia de la interprofesionalidad para su formación, y el 90,6%, si hubiera una disciplina con el tema, asistiría. El estudio mostró que la mayoría de los estudiantes comprenden razonablemente el concepto de PI, están dispuestos a implementar la EIP, ya que han tenido experiencias que se refieren al trabajo colaborativo, sin embargo, expresaron su insatisfacción por la baja frecuencia de las discusiones sobre el tema.

Palabras clave:

Formación Profesional en Salud. Aprendizaje colaborativo. Educación interprofesional.

¹Graduada em Farmácia. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). ORCID:0000-0002-5963-533X. Email:andressabuenolopes@gmail.com. Link lattes: <http://lattes.cnpq.br/5272953242663475>

²Dourado em Biologia da Relação Patógeno Hospedeiro. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). ORCID: 0000-0002-4299-1311. E-mail: jordao.fabiana@gmail.com. Link lattes: <http://lattes.cnpq.br/7752905681664082>.

³Mestrado em Imunologia e Parasitologia Básicas e Aplicadas. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). ORCID: 0000-0001-9042-7101. Email: massmann@ufmt.br. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0893097253648631>.

Introdução

O ensino superior no Brasil é regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 9.394/1996, e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs). As DCNs na área da saúde têm por finalidade organizar e sistematizar os projetos pedagógicos dos cursos na formação de profissionais, para que estes desenvolvam competências e habilidades, garantindo assim um atendimento com qualidade e eficiência (MATSUMOTO, 2010). Os processos de formação desenvolvidos nos diferentes âmbitos de graduação na área da saúde enfrentam desafios importantes como:

“fragmentação do ensino, dicotomias no projeto pedagógico, biologicismo, hospitalocentrismo, estudante como receptor passivo das informações, professor como transmissor de informações e desvinculação dos currículos em relação às necessidades da comunidade” (BATISTA et al., 2018, p.1706).

A Educação Interprofissional (EIP) surgiu como uma proposta para transformar o cenário referido acima, sendo reconhecida pela primeira vez em 1978, pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma ferramenta fundamental para o cuidado em saúde (SOUTO; BATISTA; ALVES, 2014). Sendo definida pela OMS como: “... quando estudantes de duas ou mais profissões aprendem sobre os outros, com os outros e entre si para possibilitar a colaboração eficaz e melhorar os resultados na saúde” (OMS, 2010, p. 7).

Atualmente, a EIP é a principal estratégia para formar profissionais aptos para o trabalho em equipe, prática essencial para integralidade no cuidado em saúde (BATISTA, 2012). A implementação do ensino interprofissional na universidade promove inúmeros benefícios ao futuro profissional, pois, segundo Tompsen *et al.* (2018) e Revees (2016) a EIP é uma estratégia pedagógica que qualifica o profissional, tornando-o capacitado para trabalhar em equipe. Na maioria das instituições, os profissionais de saúde não são preparados durante a sua formação para desenvolver o trabalho em equipe com demais áreas da saúde e, sabe-se que para uma equipe de saúde as práticas interdisciplinares são de suma importância para a efetividade do serviço, do cuidado e da atenção à saúde (TOMPSEN *et al.*, 2018).

Dada a importância, bem como a necessidade, novos projetos foram pensados para que durante a formação, os profissionais obtivessem conhecimentos acerca da EIP, estimulando a transição do ensino tradicional para uma formação interdisciplinar e

interprofissional (REEVES, 2016). Nesse sentido, como forma de fortalecer a formação profissional, atenção básica e vigilância em saúde, surgiu o programa PET- Saúde, regulamentado pela Portaria Interministerial nº 421, de 03 de março de 2010, voltado para o fortalecimento das ações de integração ensino-serviço-comunidade. No ano de 2018, em conjunto com Ministério da Educação e Rede Brasileira de Educação e Trabalho Interprofissional em Saúde, o Ministério da Saúde lançou o Programa de Educação pelo Trabalho (PET) - Saúde/Interprofissionalidade, como parte das atividades previstas nas linhas de ação do plano nacional para a implementação da EIP no Brasil (BRASIL, 2020).

A pesquisa foi pensada a partir da implementação do PET/ Saúde-Interprofissionalidade no Campus Universitário do Araguaia da Universidade Federal de Mato Grosso em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde do município de Pontal do Araguaia (MT), o que instigou e possibilitou o levantamento de dados que culminaram neste estudo. Diante do exposto, este trabalho tem por finalidade verificar o conhecimento e percepção dos estudantes da área da saúde acerca da interprofissionalidade (IP), através de suas experiências de trabalho em equipe e participação colaborativa durante a graduação.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória de cunho quanti-qualitativo. A amostra foi constituída por 85 discentes dos cursos de farmácia, enfermagem, biomedicina e educação física do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS) do Campus Universitário do Araguaia (CUA) localizado em Barra do Garças – MT, correspondendo a 22% do total de discentes matriculados nos semestres avaliados.

Adotou-se como critério de inclusão estar devidamente matriculado nos cursos selecionados; cursando entre o quarto ao oitavo semestre; ter mais de 18 anos de idade e aceitar participar da pesquisa. Foram excluídos discentes matriculados no primeiro, segundo e terceiro semestre e que não aceitaram participar da pesquisa.

Para coleta de dados foi utilizado um instrumento estruturado, contendo 36 questões objetivas e duas discursivas sobre trabalho em equipe, IP e experiências extracurriculares vivenciadas na universidade, o instrumento foi elaborado e aplicado através da ferramenta Google Forms e encaminhado aos estudantes por meio das redes sociais, durante os meses de janeiro e fevereiro de 2021. Após a coleta, os dados foram tabulados e organizados em uma planilha Excel versão 2018 e analisados utilizando o programa EpiInfo versão 7.

Os participantes aceitaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) online, sendo garantido o anonimato, sem qualquer identificação dos participantes. Este trabalho foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia (CEP/CUA/UFMT) sob CAAE: 23375419.4.0000.5587 emitido em 28 de outubro de 2019.

Resultados e Discussão

Participaram dessa pesquisa 85 estudantes da área da saúde, matriculados no Campus Universitário do Araguaia. Ocorrendo em maior frequência a participação de discentes do sexo feminino (82,4%), na faixa etária entre 20 a 29 anos de idade (81,2%), discentes do curso de Biomedicina (34,2%) e matriculados no 7º período (41,18%), conforme apresentado na tabela 1.

Tabela 1 - Características sociodemográficas e perfil dos discentes matriculados no Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS) do Campus Universitário do Araguaia (CUA).

Variáveis	Frequência absoluta (N)	Frequência relativa (%)
<i>Gênero</i>		
Feminino	70	82,4
Masculino	15	17,7
<i>Faixa etária</i>		
< 20 anos	2	2,4
20 a 29	68	81,2
30 a 39	10	11,8
40 a 49	2	2,4
NI*	3	3,5
<i>Curso</i>		
Biomedicina	29	34,1
Educação Física	15	17,7
Enfermagem	24	28,2
Farmácia	17	20,0
4º semestre	5	5,9
5º semestre	25	29,4
6º semestre	8	9,4
7º semestre	35	41,2
8º semestre	12	14,1
Total	85	100

NI: Não informado* **Fonte:** os autores.

Na tabela 2 os discentes foram questionados quanto as suas experiências e vivências com atividades desenvolvidas em cooperação com outros atores de diferentes formações

durante a graduação, os participantes relataram que tais interações ocorreram frequentemente e/ou sempre entre 44,7% discentes de outros cursos, 43,7% com docentes de diferentes formações e 34,2% com profissionais de saúde.

De acordo com Soares *et al.* (2016), trabalhar em grupo é fundamental na formação profissional, pois desenvolve não somente a habilidade e/ou capacidade de relacionamento interprofissional, mas também a empatia e socialização. Segundo Peduzzi *et al.* (2013), existe uma tendência dos profissionais de cada área em trabalhar de forma isolada e independente das demais, consequência de uma formação específica e circunscrita a sua própria área de atuação. A EIP apresenta-se como uma oportunidade para a formação de profissionais de saúde de forma colaborativa e integrada, levando ao reconhecimento da interdependência das áreas superando a competição e a fragmentação.

Entre as vivências questionadas foi verificada a participação dos discentes no Programa PET-Saúde/ Interprofissionalidade, onde se observou que apenas 18,8% foram membros do referido programa. Para Brasil (2010), a participação no PET-Saúde permite a vivência entre os discentes e profissionais de diferentes seguimentos da saúde, visando à integração entre ensino, serviço e comunidade. Além disso, busca fazer com que os acadêmicos não só conheçam, mas se preparem de forma adequada para enfrentar as diferentes realidades de vida e saúde da população.

Tabela 2 - Experiências e vivências dos discentes, em atividades que possuem integração e cooperação, desenvolvidas durante a graduação.

Variável	Frequência absoluta (N)	Frequência relativa(%)
<i>Durante a sua graduação você teve experiência de trabalho com discentes de outro curso</i>		
Sempre	4	4,7
Frequentemente	34	40,0
Mais ou menos	25	29,4
Raramente	18	21,2
Nunca	4	4,7
<i>Você vivenciou atividades onde houve interação entre docentes de diferentes formações.</i>		
Sempre	13	15,2
Frequentemente	24	28,5
Mais ou menos	31	36,4
Raramente	9	10,5
Nunca	8	9,4
<i>Durante a sua graduação você teve interação com profissionais com serviço de saúde</i>		

Sempre	7	8,4
Frequentemente	22	25,8
Mais ou menos	21	24,7
Raramente	16	18,8
Nunca	19	22,3
<i>Participantes do Pet-saúde Interprofissionalidade</i>		
Participantes	16	18,8
Não Participantes	69	81,2
Total	85	100

Fonte: os autores.

A maioria dos participantes 46,6%, frequentemente e/ou sempre, preferem fazer trabalhos sozinhos, enquanto 36,5% são indiferentes (mais ou menos) e 19,9% raramente e/ou nunca preferem trabalhar sozinhos (Tabela 3). Contudo, apesar das preferências, os alunos afirmam que sempre/ frequentemente sentem-se confortáveis em realizar atividades em duplas ou trios (71,8%), o que demonstra disposição para o trabalho colaborativo.

Segundo Soares *et al.* (2016) as relações que se concretizam no âmbito acadêmico são importantes para a adaptação, vivência e alcance de resultados desejados pelos estudantes. E, sabe-se que na universidade as demandas sociais podem ser intensificadas e os estudantes precisam realizar trabalhos em grupo, bem como interagir com pessoas com características sociais, pessoais e opiniões diferentes.

O estudo apontou que, entre as dificuldades de trabalhar em grupo destaca-se a perda de foco quando reunidas muitas pessoas (19%), entretanto, a maioria dos participantes (37,8%) relataram não ter dificuldades de trabalhar em grupo, sendo uma característica essencial para o trabalho interprofissional. E quando perguntado como era realizada as atividades em grupo a maioria (50,5%) respondeu que foram desenvolvidas em colaboração, com participação de todos em todas as etapas (Tabela 3).

A área da saúde é composta por uma equipe multi e interprofissional, que juntos trabalham em prol do diagnóstico, tratamento e recuperação do paciente, priorizando um consenso entre cada profissional de forma a atingir os melhores resultados possíveis (WANDERBROOCKE *et al.*, 2018). A equipe multiprofissional surgiu como uma proposta estratégica para enfrentar o intenso processo de especializações dentro da área da saúde, sendo possível aprofundar o conhecimento e as necessidades de saúde. Configurando-se como

trabalho em equipe a relação entre as intervenções técnicas e a interação dos agentes de forma recíproca (PEDUZZI, 2001, p.103).

Nosso instrumento questionava sobre como os discentes enxergavam sua futura profissão, se mais ou menos importante que as demais da área da saúde, sendo que a maioria (78,82%) reconhece o seu valor e a consideram tão importante quanto qualquer outra e 1,2% acredita que sua profissão é mais importante que às outras. Para Peduzzi (2001) toda e qualquer profissão deve ser considerada importante e relevante para a sociedade, pois dependemos uns dos outros, especialmente na área da saúde. Pode-se afirmar que as áreas da saúde são complementares uma das outras, pois compartilham um objetivo em comum, o bem-estar do paciente.

Ellery (2012) explica que a EIP pode impedir que os espaços de saúde se transformem em “campos de batalha” por parte dos profissionais buscando seu reconhecimento individual, crédito e atributo, o que leva a prejuízos na atuação em conjunto e resolução dos problemas em saúde.

Tabela 3 - Características e percepção dos discentes sobre participação em atividades que necessitam de colaboração e integração com outras pessoas.

Variável	Frequência absoluta (N)	Frequência relativa (%)
<i>Você prefere fazer trabalhos sozinho?</i>		
Sempre	13	15,3
Frequentemente	35	28,3
Mais ou menos	31	36,5
Raramente	9	10,5
Nunca	8	9,4
<i>Quais as dificuldades em trabalhar em grupo?</i>		
Vergonha	14	12,6
Gosto de fazer as coisas do meu jeito	9	8,1
Muitas pessoas juntas perdem o foco	21	19,0
Não consigo me expressar em grupo	10	9,0
A atividade não rende	15	13,5
Não tenho dificuldade em trabalhar em equipe	42	37,8
<i>Na ocasião em que participou de atividades em grupo, as atividades foram desenvolvidas em colaboração, com participação de todos em todas as etapas?</i>		
Sempre	19	22,3
Frequentemente	24	28,2
Mais ou menos	27	31,9
Raramente	12	14,1
Nunca	3	3,5
Total	85	100

Fonte: os autores.

Em nosso estudo, os discentes definiram a frequência em que ouviram falar sobre a IP, sendo que 48,1% responderam ter ouvido vagamente (mais ou menos/ raramente), 42,2% frequentemente/ sempre e 9,4% nunca ouviram falar sobre IP (Tabela 4). Segundo relato dos discentes a IP foi abordada com maior frequência em sala de aula (32,8%) seguido de eventos (28,1%) e PET-Saúde/ Interprofissionalidade (25,5%).

A universidade tem um papel essencial em criar espaços de diálogo entre docentes, profissionais de saúde e discentes, capaz de estimular reflexões sobre o ensino-aprendizagem e inovações educacionais e dessa forma contribui para a promoção de mudanças no ensino da saúde (SILVA *et.al.*, 2021).

Segundo Tompsen *et.al.* (2018) a introdução da EIP nos currículos das instituições é de suma importância, pois permite o ensino de práticas colaborativas, menos hierarquizadas e fragmentadas, voltadas à integralidade e do processo de cuidado em saúde. Para Silva (2020) existe a necessidade de sensibilização dos docentes para a EIP, além de programas de qualificação, permitindo dessa forma uma quebra da hegemonia e da uniprofissionalidade em universidades da área da saúde, promovendo a compreensão das redes de saúde e a prática interdisciplinar do cuidado em saúde.

Outro achado importante do estudo está relacionado com a frequência das discussões sobre a IP, onde 45,8% dos discentes disseram não estar satisfeito. E, vale ressaltar que, 92,9% reconhecem que a EIP é importante para sua formação (Tabela 4). Nesse contexto, 90,6% dos discentes relataram que cursariam uma disciplina interdisciplinar, caso houvesse a oferta no ICBS. Revees (2016) reforça a importância da interprofissionalidade ser trabalhada já no âmbito acadêmico, destaca por fim, o preparo destes para as práticas colaborativas, não somente dentro da universidade, mas também no campo profissional. Para o autor, o aluno que aprende sobre o tema, bem como sua importância, torna-se um profissional disposto a cooperar e melhorar o sistema de saúde.

A EIP junto à prática colaborativa e de grande importância para a redução de muitos desafios presentes nos sistemas de saúde em geral (PEDUZZI *et al.*, 2016). Sendo a IP, um tema de grande relevância e destaque no âmbito profissional, ao qual permite alcançar uma abordagem integral acerca dos fenômenos que interferem na saúde da população (PEDUZZI, 2017).

[...]“E por isso que é valioso trabalhar de forma intersetorial, sendo a mesma compreendida como a articulação entre diferentes setores e atores, compartilhamento de poderes e de saberes (interdisciplinarmente e interprofissionalmente), com o objetivo de atuar de forma integrada sobre problemas e demandas em busca de melhoria na qualidade de vida. ”[...] (SOUZA, EPERIDIÃO e MEDINA, 2016, p.1782).

Tabela 4 - Percepção dos acadêmicos em relação à interprofissionalidade no âmbito da universidade.

Variável	Frequência absoluta(N)	Frequência relativa (%)
<i>Durante sua graduação você ouviu falar sobre educação interprofissional?</i>		
Sempre	13	15,2
Frequentemente	23	27,0
Mais ou menos	19	22,3
Raramente	22	25,8
Nunca	8	9,4
<i>Você se sente satisfeito com a frequência de discussões relacionadas a educação interprofissional durante a sua graduação?</i>		
Sempre	7	8,2
Frequentemente	21	24,7
Mais ou menos	18	21,1
Raramente	33	38,8
Nunca	6	7,0
<i>Você acha a educação interprofissional importante para sua formação?</i>		
Concordo plenamente	79	92,9
Concordo parcialmente	5	5,8
Discordo parcialmente	1	1,1
Total	85	100

Fonte: os autores.

Como parte do instrumento, foi solicitado aos alunos que discorressem sobre o conceito de IP, a maioria dos discentes responderam de forma adequada, que elencavam pontos como: ser um trabalho colaborativo; centrado no usuário e com ocorrência de integração entre duas ou mais profissões como pode ser observado nas respostas:

“Ao meu ver, interprofissionalidade é quando profissionais de diferentes áreas aprendem entre si com as outras profissões para melhorar a qualidade dos serviços”(Discente 1)

“É a interação entre diferentes profissões da saúde que trabalham para a melhora da qualidade da atenção.” (Discente 2)

“É a integração de práticas colaborativas formado por diferentes profissionais visando buscar melhorias aos cuidados para com o paciente”. (Discente 3)

“Interação entre profissionais de diferentes áreas entrando em acordo sobre tomada de decisões para o melhor atendimento ao paciente / cliente”. (Discente 4)

“Consiste em um grupo de múltiplos profissionais de saúde de diferentes profissões, criado intencionalmente, que trabalham juntos para proporcionar melhor qualidade de atenção, atuando por meio de relações de cooperação, coordenação, colaboração e responsabilidade compartilhada”. (Discente 5)

Em 16,5% das respostas, os discentes explicitaram não se sentir preparados para discorrer sobre a IP, *“não sei dizer”* (Discente 6), *“não sei o que significa”* (Discente 7), *“não tenho conhecimento sobre o assunto”*. (Discente 8).

A interprofissionalidade pode ser compreendida como a junção de diferentes áreas, que visam o trabalho de forma articulada para um objetivo em comum, preservando o nível de autonomia de cada profissional (CÔRREA *et al.*, 2019), o entendimento de **colaboração**, incorporado na IP, deve perpassar pelo planejamento e implementação das ações em saúde. Nesse sentido, a atuação profissional deve ser compatível com o mesmo propósito clínico a partir de relações solidárias recíprocas, visando práticas participativas envolvendo os usuários (RIBEIRO *et al.*, 2021).

Segundo Ceccim (2017) a IP é desenhada a partir da intersecção e sobreposição de fazeres, identidade e conhecimento de várias categorias profissionais, enfatizando que o trabalho em saúde requer articulação de uma equipe com a presença de várias profissões no campo, em atuação interdisciplinar e em construção contínua das práticas compartilhadas.

Finalizando as análises os discentes foram questionados de que forma a EIP poderia ser implementada no âmbito da universidade, como solução para a falta de conhecimento acerca do assunto, foram sugeridos pelos alunos que houvesse *“mais aulas sobre o assunto”*, *“tornar a interprofissionalidade uma disciplina”*, *“abrir mais vagas para o PET”*, *“realizar eventos, palestras e extensões”*. No contexto universitário, a EIP se depara com inúmeros obstáculos, que podem ser superados com o avanço no ensino acerca da IP tanto na formação profissional quanto através da educação continuada/ permanente.

Para Toassi e Lewgoy (2016), como apresentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), é primordial, a valorização do trabalho multiprofissional e interdisciplinar no cuidado em saúde, pensando nisso, os cursos vêm reestruturando seus currículos,

incluindo componentes que visam uma formação integrada e interdisciplinar em saúde. O autor ainda relata sua experiência com a vivência e o diálogo interdisciplinar, mostrando que tal prática possibilitou a integração entre os professores e estudantes de diferentes cursos, favorecendo para que, desde a graduação, exista a prática interdisciplinar e, o entendimento de que não há um saber superior a outro, mas saberes horizontais que se complementam na construção de um saber coletivo.

Nesse contexto, de implementação e fortalecimento da EIP, Fonsêca e Rodrigues (2011) destaca a importância de os graduandos participarem do programa PET, já que este é denotado um instrumento de qualificação em serviço dos profissionais da saúde, bem como para a iniciação ao trabalho e vivências dirigidas aos graduandos, segundo as necessidades do SUS, com a perspectiva da inserção das necessidades dos serviços como fonte de conhecimento e pesquisa nas instituições de ensino.

Tendo em vista as desigualdades e hierarquias vigentes no campo da Saúde e da Educação, a redefinição e definição da interprofissionalização, dos processos de trabalho e da formação interdisciplinar são pontos importantes a serem vencidos, culminando em movimentos de reforma e transformação colidindo e superando as estruturas de saberes e poder colonizadas (PEREIRA, 2018). Principalmente, por saber que quando estudantes ou profissionais de dois ou mais cursos ou núcleos aprendem sobre outros, com outros e sobre si, tornam-se mais colaborativos e melhoram a qualidade dos cuidados e serviço (REEVES, 2016).

Considerações Finais

A EIP é uma estratégia pedagógica que qualifica o profissional, tornando-o capacitado para trabalhar em equipe. Nosso estudo revelou que a grande maioria teve experiências de trabalho com discentes, docentes e profissionais de saúde de formações distintas da sua, apenas uma pequena parcela teve a experiência de ser membro do PET-Saúde/ Interprofissionalidade. A maioria dos participantes prefere fazer trabalhos sozinhos, entretanto, não relataram ter dificuldades de trabalhar em grupo e sentem-se confortáveis em realizar atividades em duplas ou trios, trabalhos esses que, de acordo com achados do estudo foram desenvolvidos em colaboração, com participação de todos em todas as etapas sendo uma característica essencial para o trabalho interprofissional.

Foi visto que a IP ainda não é muito abordada, no âmbito acadêmico, tanto que a maior parte dos discentes relatou não estar satisfeitos com a frequência de discussões que envolvam a EIP. Mesmo assim, a grande maioria reconhece a importância da IP para sua formação e o valor de sua profissão, considerando ela tão importante quanto qualquer outra. Para tanto, mostraram-se dispostos a participar de componentes curriculares, caso houvesse, voltados a IP, um ponto positivo, mostrando que os discentes possuem uma pré-disposição em aceitar a EIP, almejando uma formação integrada e interdisciplinar.

No contexto do nosso estudo, compreendemos a partir do relato dos discentes dos cursos da área da saúde que eles têm conhecimento razoável sobre o trabalho interprofissional, no entanto, a formação acadêmica ainda apresenta lacunas no que se refere à oportunidades de atividades voltadas à IP. As ações sugeridas pelos alunos estão em processo de implementação dentro do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, estando já aprovadas duas disciplinas optativas que abrangem a IP, assim como, os docentes também estão sendo sensibilizados a repensarem na prática colaborativa e interprofissional.

Contudo, entendemos que se faz necessário a criação de espaços de integração e diálogo entre discentes, docentes e profissionais de formações diferentes ainda dentro da graduação, gerando mudanças no processo de formação e qualificando o futuro profissional para o trabalho colaborativo.

Referências

BATISTA, N. A.; ROSSIT, R. A. S.; BATISTA, S. H. S. S.; SILVA, C. C. B.; FIGUEREDO, L. R. U.; POLETO, P. R. Educação interprofissional na formação em saúde: a experiência da Universidade Federal de São Paulo, Santos, Brasil. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, p. 1705-1715, 2018.

BATISTA, N.A. Educação Interprofissional em Saúde: Concepções e Práticas. **Cad Fnepas**, v. 2, n. 1, p. 25-8, 2012.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Programa de educação pelo trabalho para saúde – PET**. Brasil, 2020. Disponível em:< <https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/pet-saude>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2022.

CECCIM, R.B. **Interprofissionalidade e experiências de aprendizagem: inovações no cenário brasileiro**. In: TOASSI, R.F.C.T. Interprofissionalidade e formação na saúde: onde estamos?. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2017. p. 49-67.

CÔRREA, J. M. C.; COUTO, B. D. D.; OLIVEIRA, L. M.; CLARK, L. M.; PEREIRA, S. S.; MARINHO, G. P. Inserção da interprofissionalidade no âmbito da saúde. **Revista Eixos Tech**, Rio de Janeiro, v. 43, n. especial 1, p. 50-63, ago 2019.

ELLERY A. E. L.; PONTES R. J. S.; LOIOLA, F. A. Comunidade de Prática Enquanto Modo Coletivo de Aprendizagem e Desenvolvimento de Práticas e Saberes na Estratégia de Saúde da Família: Um Estudo Teórico. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 25, n.2 p. 104-12, 2012.

FONSÊCA, G. S.; OLIVEIRA, A. A. A. R. O Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PET - Saúde) como Indutor de Inovações Pedagógicas: A Experiência do Curso de Odontologia da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. **Revista da ABENO**. Bahia, v. 11, n. 2, p. 19-26, 2011.

MATSUMOTO, K. D. S. **A formação do enfermeiro para atuação na Atenção Básica: uma análise segundo as diretrizes do Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde)**. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política; Planejamento; e Administração em Saúde; Administra). – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Marco para Ação em Educação Interprofissional e Prática Colaborativa**. Genebra, 2010 p. 41. Disponível em: <
<http://untref.edu.ar/uploads/Marco%20formacion%20interprofesional%20OMS-portugues.pdf>
>. Acesso em: 22 de novembro de 2021.

PEDUZZI, M. Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia. **Revista De Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, p. 103-109, 2001.

PEDUZZI, M; NORMAN, I. J.; GERMANI, A. C. G.; SILVA, J. A. M.; SOUXA, G. C. Educação Interprofissional: Formação de Profissionais de Saúde para o Trabalho em Equipe com Foco nos Usuários. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 47 n.4, p. 978-979, 2013.

PEDUZZI, M. **Educação Interprofissional para o desenvolvimento de competências colaborativas em saúde**. In: TOASSI, R.F.C.T. Interprofissionalidade e formação na saúde: onde estamos?. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2017. p. 40-48.

PEREIRA, M.F. Interprofissionalidade e Saúde: Conexões e Fronteiras em Transformação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, p. 1753-1756, 2018.

REEVES, S. Porque Precisamos da Educação Interprofissional para um Cuidado Efetivo e Seguro. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, n. 56, p. 185-196, 2016.

RIBEIRO, A.A; GIVIZIEZ, C. R.; COIMBRA, E. A.R.; SANTOS, J. D. D.; PONTES, J.E.M; LUZ, N. F.; ROCHA, R.O.; COSTA, W.L.G. Interprofissionalidade na atenção primária: intencionalidades das equipes versus realidade do processo de trabalho. **Escola Anna Nery**, v. 26, 2021.

SILVA, E.A.L. SILVA; G.T.R, SANTOS, N.V.C; SILVA, R.M.O.; FRAGA, F.M.R.; RIBEIRO-BARBOSA, J.C.; LEAL, B.C. Formação docente para o ensino da educação interprofissional. **Cogitare Enfermagem.**, v. 26, 2021.

SILVA, G. T. R. Educação interprofissional e formação de professores em saúde. **Revista de Enfermagem Referência**, v.5, n.1, p.1-2, 2020.

SOARES, A. S.; GOMES, G.; MAIA, F. A.; GOMES, A. A. O.; MONTEIRO, M. C. Relações Interpessoais Na Universidade: O Que Pensam Estudantes da Graduação em Psicologia? **Estudos interdisciplinares em Psicologia. Londrina**, v. 7, n. 1, p. 56-76, 2016.

SOUTO, T.; BATISTA, S. H.; ALVES, N. B. A educação interprofissional na formação em psicologia: olhares de estudantes. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 34, n. 1, p. 32-45, 2014.

SOUZA, M. C; ESPERIDIÃO, M. A; MEDINA, M. G. A intersetorialidade no programa saúde na escola: avaliação do processo político-gerencial e das práticas de trabalho. **Ciência & saúde coletiva**, v. 22, n. 6, p.1781-1790, 2016.

TOASSI, R.F.C, LEWGOY, A.M.B. Integrated Health Practices I: an innovative experience through inter-curricular integration and interdisciplinarity. **Interface (Botucatu)**, v. 20, n. 57, p. 449-61, 2016.

TOMPSEN, N. N.; MEIRELES, E.; PEDUZZI, M; TOASSI, R. F. C. Educação interprofissional na graduação em Odontologia: experiências curriculares e disponibilidade de estudantes. **Revista de Odontologia da UNESP**, v. 47, n.5, p. 309-320, 2018.

WANDERBROOKE, A. C. N. S.; BAASCH, C.; ANTUNES, M. C.; MENEZES, M.O Sentido de Comunidade em uma Equipe Multiprofissional Hospitalar: Hierarquia, Individualismo, **Conflito. Trabalho, Educação e Saúde**, v. 16, p. 1157-1176, 2018.